

Ronan Barbazul,
baterista itabirano

Entrevista
"Arte é trabalho,
músico é profissão."

03

R\$ 3,00

CIDADES MINERADORAS

Médio Piracicaba • Médio Espinhaço • Centro Leste de Minas | www.defatoonline.com.br

ano
08

edição
83

Maio 2021

Malabarismos para sobreviver

O pintor Vincent Van Gogh uma vez disse: "Tenho natureza, arte e poesia. E, se isso não for suficiente, o que é suficiente?" Essa mesma pergunta é feita as pessoas que compõem o setor de eventos e cultura da região. Nessa edição do Jornal DeFato Cidades Mineradoras, vamos ver como artistas, produtores e técnicos estão conseguindo sobreviver e exercer sua arte depois da chegada da pandemia do novo coronavírus.

Foto: Arquivo pessoal



Tendências que a pandemia antecipou e vieram pra ficar

Flávia Moreira é jornalista, radialista, gestora de Comunicação especializada em Cultura, com 20 anos de atuação e passagens na Rádio Inconfidência, na Rede Minas, na Secult MG

A pandemia do novo coronavírus transformou o mundo de uma forma nunca antes imaginada, com fechamento de fronteiras e medidas de isolamento. Setores que têm em sua essência o encontro, a aglomeração de pessoas e a experiência, como o setor de eventos, de cultura e turismo, sentiram drasticamente o impacto, foram os primeiros a pararem e serão os últimos a retomarem.

Por outro lado, a pandemia evidenciou a importância desses setores criativos na economia e no dia a dia. O setor cultural, por exemplo, emprega 4,9 milhões de pessoas, segundo o Observatório Itaú Cultural e cada R\$1 real investido na

cultura impacta de R\$6 a 12 reais na economia. Sem falar na importância de filmes, séries, músicas e livros para saúde mental em tempos de isolamento.

Diante de tantos desafios, esses setores tiveram que se reinventar e se adaptar aos novos processos e tendências antecipadas pela pandemia, que forçou a acelerar a virtualização e digitalização das relações. O evento híbrido, por exemplo, parte presencial e parte virtual, que já era uma tendência, passou a ser solução para o setor.

Eventos internacionais também apontam algumas tendências na retomada que passam por uma nova relação com o público, focada mais na qualidade e menos na quantidade. Em média, a nova circulação de pessoas nos principais

museus europeus foi reduzida de 30 a 40%. Nos shows, o caminho é proporcionar segurança sanitária ao público com rígidos protocolos. Um concerto realizado em Barcelona para 5 mil pessoas teve apenas seis infectados por Covid-19, no último dia 27 de março.

Esse cenário ainda é distante no Brasil, mas a retomada precisa ser discutida e planejada, com atuação conjunta das entidades de apoio do setor de negócios e eventos e o poder público. Um passo para estimular a retomada é o Selo Evento Seguro, lançado recentemente pelo Governo de Minas (10/5). Trabalhando junto é possível elaborar projetos e políticas assertivas para desenvolvimento do setor e recuperação da economia.

Foto: Arquivo pessoal



Profissionais da cultura e Covid-19: é preciso olhar além dos artistas

Gustavo Linhares é jornalista e repórter. Entre 2018 e 2020, atuou como Curador de Atividades Culturais – Comunicação Social da Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, em Itabira.

As consequências da pandemia do novo coronavírus têm sido devastadoras para diversos segmentos econômicos. Porém, a indústria criativa é uma das mais afetadas, sofrendo com a interrupção desde o início da crise sanitária. Com isso, diversas empresas e profissionais da cultura tem encontrado dificuldades para trabalhar.

De acordo com a “Pesquisa de Conjuntura do Setor de Economia Criativa – Efeitos da Crise da Covid-19”, realizada em todo território nacional pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), com colaboração da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo (SEC-SP) e Sebrae, a economia criativa corresponde a 2,64% do Produto Interno Bruto (PIB), sendo responsável por 4,9 milhões de postos de trabalho.

Com a pandemia, 88,6% dos entrevistados afirmaram queda de faturamento; 63,4% disseram que não é possível realizar as suas atividades por causa do distanciamento social; 50% contaram que tiveram projetos suspensos e 42%, cancelados.

O estudo também aponta que 19,3% das empresas realizaram demissões. Além disso, 40,8% dos profissionais possuem dívidas ou empréstimos em aberto; e 20% estão com compromissos atrasados.

Diante desse cenário, há grande preocupação quanto a saúde da indústria criativa, já que a pandemia não dá sinais de alívio no país. Nesse entendimento, o Poder Público vem buscando alternativas para apoiar o setor e fomentar as atividades artístico-culturais, manter o funcionamento das empresas e promover fontes de rendas para os profissionais do setor.

Essas medidas se concentram na publicação de editais que permitem desenvolver projetos adaptados ao

ambiente virtual ou às normas sanitárias. Mas, ainda é pouco já que muitos outros profissionais também compõem a indústria criativa.

Técnicos de som e iluminação, figurinistas, maquiadores, seguranças, cozinheiros, garçons e tantas outras atividades imprescindíveis para a realização e o desenvolvimento de projetos artísticos. Afinal, essa indústria não se resume apenas aos artistas.

E esses profissionais que não são envolvidos nas políticas públicas culturais. Provavelmente, eles compõem grande parte das pessoas que perderam seus empregos. É necessário compreender a amplitude do setor cultural para desenvolver ações efetivas e que representem a totalidade dos seus componentes.

Um passo essencial para uma área que econômica que ainda precisa se enxergar como indústria complexa e com grande representatividade no PIB nacional.

EDITORIAL

O outro lado da moeda

Que está todo mundo com os sentimentos confusos e a cabeça à mil desde que a pandemia do novo coronavírus começou em 2020, não é novidade. Que diversos setores da economia se viram em situação de precariedade, também não. Mas, o setor artístico e cultural, bem como os agentes que fazem parte dele, direta ou indiretamente, talvez sejam os que mais estão sofrendo as consequências da pandemia.

Segundo a pesquisa “Músicos e pandemia”, organizada pela União Brasileira de Compositores (UBC) em parceria com a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), dos quase 900 artistas que responderam ao estudo, 30% ficaram sem renda, 56% não recebem por live e cerca de 86% dos profissionais tiveram alguma perda material. E, aqui, estamos falando apenas sobre um pequeno grupo de artistas da música.

Só por aí já dá para se ter uma ideia do que estão enfrentando as pessoas que colocam a roda da economia para girar por meio de sua arte. Para além dos claros problemas financeiros gerados pela pandemia, é inevitável estender o assunto até a valorização desses artistas.

“Para além dos claros problemas financeiros gerados pela pandemia, é inevitável estender o assunto até a valorização desses artistas.”

Apesar do pequeno esforço do governo federal em auxiliar o setor, por meio da Lei Aldir Blanc, é indispensável frisar que as ações governamentais, em qualquer esfera, não chegam nem perto de quem realmente precisa. Menos ainda no que tange o reconhecimento e o respeito à quem exerce essa profissão e, que mesmo sob o forte impacto da paralisação do mercado, manteve boa parte da população lúcida, seja por meio de eventos on-line ou produções independentes.

Nas palavras do escritor norte-americano Kurt Vonnegut Jr., “as artes são uma maneira digna de ganhar a vida. Elas são uma maneira muito humana de tornar a vida mais suportável. Praticar uma arte, não importa quão bem ou mal seja, é uma maneira de fazer sua alma crescer”.

EXPEDIENTE

DeFato

Gerente Comercial
Marcelo Eleto
marcelo@defatoonline.com.br

Editores de Jornalismo
Fernando Silva
Tatiana Linhares

Redação
Bruno Andrade
Gustavo Linhares
Luciano Vidal
Victor Eduardo
Wesley Rodrigues

Fotos de Capa
Destaque: Júlia Lanari
Entrevista: Filipe Augusto

Gerente de Produção
Marina Colombo
opec@defatoonline.com.br

Diagramação
Ponte Propaganda
gerencia@pontepropaganda.com.br

Assistente Financeiro
Cleise Martins
financeiro@defatoonline.com.br

“Arte é trabalho, músico é profissão”, ressalta o baterista itabirano Ronan Fabrício

O artista conta como a pandemia desestruturou sua carreira e o fez repensar o seu ofício

Foto: Arquivo pessoal

Nascido e criado em Itabira, Ronan Fabrício da Silva, 37 anos, escolheu a arte como ofício. Mais conhecido como Barbazul Batera, o músico se orgulha de ter trilhado uma carreira sólida e com reconhecimento no cenário cultural local. “Sou baterista profissional há 20 anos. Tive a chance de tocar com grandes artistas, conhecer muitas culturas e me apresentar em cidades no Brasil todo. Mas, nunca imaginei viver uma pandemia”, ele conta. Nessa entrevista, o artista explica como a pandemia impactou diretamente em sua carreira.

Como era a rotina profissional antes da pandemia começar?

Eu fazia bastante shows! Vinha de um bom começo de ano tocando, como free-lancer, com várias bandas e projetos daqui e de fora de Itabira. Menos de um mês antes da pandemia começar no país, eu tinha percorrido algumas cidades da região, me apresentando no Carnaval. Eu também dava aulas de bateria e ca-jon. O ano prometia ser de muito trabalho.

O que você pensou quando o setor de eventos parou? Imaginava que passaria logo?

Eu acompanhava o avanço e facilidade de transmissão do vírus. Sempre fiquei de olho nas notícias sobre o avanço da pandemia. Assim, nunca imaginei que acabaria rápido. Claro que pensei: “e agora, o que vou fazer?”. Não demorou



Ronan Fabrício teve shows cancelados logo no começo da pandemia

para eu ter certeza que ia enfrentar um período muito difícil, já que eu vivo e dependo exclusivamente do meu trabalho. Logo no início da pandemia, perdi meus alunos. Depois, shows cancelados. A agenda estava bem cheia e isso me desestruturou 100%. Eu tinha muitos planos para 2020, adiados para 2021. E agora, só Deus sabe quando conseguirei realizá-los.

Como a pandemia transformou sua rotina profissional?

Eu sempre tive uma coisa bem clara: arte é trabalho e música é profissão. Mas, sofremos muitos preconceitos. Por isso, a pandemia está sendo muito pesada para quem tem a cultura como profis-

são. A primeira coisa que mudou foi a ida para o digital. Alguns dos projetos dos quais faço parte, acompanharam a onda. Infelizmente, os músicos fora do mercado nacional não conseguem tirar seu sustento das lives. Quem vive de se apresentar na noite, de dar aulas e fazer freelancers, viu as dificuldades baterem muito rápido na porta. Ainda assim, a pandemia me ajudou a evoluir, como pessoa e músico. Aumentei minha carga de estudo, fiz cursos e assisti a aulas on-line, gravei vídeos e investi nas redes sociais.

Esperava que o poder público tivesse mais sensibilidade ao setor artístico?

Para mim, que vivo plenamente da minha arte, as

possibilidades se esgotaram muito rápido. Acho que um auxílio emergencial, específico para o setor, seria de grande valia. A Lei Aldir Blanc ajudou sim! Mas, a forma como foi realizada, não teve direcionamento para os artistas que vivem 100% da arte. Por causa da burocracia exagerada, muitos acabam ficando de fora e a ajuda não chegou a quem realmente precisa. Nesse momento, para os artistas, é fundamental dar sequência a seus projetos. Temos que pensar no pós-pandemia. Assim, o custeio de gravação de músicas autorais, clipes e a produção de um bom material de divulgação, por exemplo, ajudaria os músicos a não ficarem para-

dos. Teríamos material para gerar conteúdo em redes sociais, montar portfólios e buscar novas fontes de renda. Para isso, é preciso investimentos constantes e maciços. Além de superar a pandemia, seria possível enfrentar o pós.

Como você enxerga o futuro? É possível ter esperanças?

Tenho muitas esperanças de ver o mundo voltar ao normal. Meu trabalho nunca me fez depender de ninguém, mesmo como músico instrumentista, sempre corri atrás dos meus sonhos. Alguns realizados e outros ainda para realizar. A volta à normalidade é um desejo de todos nós.

O vírus também sufoca as artes: profissionais da cultura buscam fôlego na pandemia

Bastante impactado pela crise sanitária, setor cultural tem o desafio de encontrar soluções para seguir funcionando

O novo coronavírus entrou em nossas vidas há pouco mais de um ano — e parece que permanecerá na rotina dos brasileiros por mais algum tempo. Desde então, tem causado impactos negativos em diversos setores econômicos, tendo a indústria criativa como uma das suas principais vítimas.

De acordo com o Observatório Itaú Cultural, nos últimos três meses de 2019, período pré-pandemia, a indústria criativa empregava 7,1 milhões de pessoas. No final de 2020, esse número caiu para 6,6 milhões. Uma retração aproximada de 500 mil postos de trabalho.

As áreas mais afetadas foram: artesanato, artes cênicas e visuais, cinema, música, fotografia, rádio e TV e museus e patrimônio. Somente nesses setores, a retração chegou a 18% — passando de 773,9 mil pessoas empregadas em 2019 para 634,2 mil em 2020.

As áreas de apoio às atividades culturais também foram afetadas pela crise sanitária, com uma queda de 15% dos postos de trabalho. Saindo de 2,5 mi-

lhões de trabalhadores empregados em 2019 para 2,1 milhões em 2020.

Esse impacto pode ser percebido nas cidades mineradoras, onde a classe artística tem sofrido com a paralisação ou restrição de atividades durante a pandemia.

Desafios da cultura itabirana

Esse cenário tem desafiado a classe artística em Itabira. “Sou casada, tenho três filhos e estou esperando o quarto. Eu ajudava na renda da casa com o dinheiro da música, principalmente com eventos particulares, como festas de casamento e aniversário. Devido a pandemia, todos os eventos foram cancelados”, ressalta Maria Cláudia da Silva, a cantora Clau Vianna.

O músico e luthier Rafael Carvalho, que teve queda de 60% do seu faturamento, avalia que os prejuízos de um setor refletem em outras áreas. “Impactou de forma geral, pois se o músico, seja profissional seja amador, não estiver tocando no seu dia a dia de trabalho não terá dinheiro para pagar um profissional para manter os seus instrumentos devidamente

regulados”, afirma.

O ensino das artes também precisou se adaptar ao momento. Com a impossibilidade de aulas presenciais, os professores de cultura precisaram recorrer à internet. “Tenho trabalhado com a opção de aulas on-line e por videochamada via WhatsApp. Porém, perdi e continuo perdendo alunos. Tive uma queda de 40% dos estudantes presenciais”, conta Davi Ricardo Andrade, músico e professor de violão e ukulele.

Alternativas para amenizar

Dentre as soluções para manter as atividades, as lives são bem conhecidas pelo público. Ainda em 2020, Clau Vianna conseguiu produzir algumas apresentações on-line como forma de manter o seu trabalho em evidência e, ainda, contribuir com outras pessoas que vêm passando dificuldade.

Na época, a cantora recebia auxílio emergencial, o que facilitava a realização de shows on-line solidários. Porém, sem contar com a ajuda do Governo Federal, ficou sem trabalhar. “Infelizmente estou passando aperto por-

que não recebo mais o auxílio emergencial e não posso ajudar na renda da minha casa”, revela Clau Vianna.

Para muitos artistas a solução para amenizar os impactos da pandemia são as aulas e cursos. “Estou atendendo aos meus alunos com distanciamento de segurança, uso de máscara e aulas preferencialmente individuais, com exceção em caso de familiares, que po-

do Governo Federal.

Políticas públicas

Como medidas de apoio à classe artística em Itabira, a Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade (FCCDA), em 2020, lançou edital de credenciamento para a contratação de conteúdos culturais, das mais diversas áreas artísticas, para exibição on-line. Também executou a

Foto: Arquivo pessoal



Clau Vianna chegou a produzir algumas lives, mas agora está sem trabalhar



Daniel Bahia Escola de Música conta com 14 professores de diversos instrumentos

Foto: Arquivo pessoal

dem fazer aulas em dupla. E sempre com uso de álcool em gel”, destaca Davi Andrade, que também oferta cursos pela internet.

As aulas virtuais também tem sido uma das saídas encontradas por Rafael Carvalho para complementar a sua renda. “Tenho tomado todos os cuidados e seguido o protocolo da OMS [Organização Mundial de Saúde] e venho tentando dar aulas de violão on-line”, destaca o músico que conseguiu, neste ano, receber o auxílio emergencial

Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc no município.

“Eu consegui participar da Lei Aldir Blanc, que me ajudou bastante por alguns meses. Mas, entrei neste ano sem recurso algum, sem nenhuma forma de conseguir uma renda da música”, diz Clau Vianna.

Em 2021, a política de publicar editais para fomentar a contratação de artistas segue na FCCDA. A instituição lançou novo edital de credenciamento, chamado “Cultura Todo Dia”, que deve iniciar as suas contratações em breve.

Covid-19: a difícil realidade imposta aos artistas de João Monlevade

Em João Monlevade, todos os eventos de médio e grande porte tiveram que ser cancelados por terem potencial de aglomeração de pessoas. Os eventos de pequeno porte, com o avanço da pandemia, também foram paralisados. O que deixou o artista sem possibilidade de trabalhar.

Daniel Bahia é músico, professor, vendedor e produtor cultural. Também é proprietário da Daniel Bahia Escola de Música, onde mais de cinco mil alunos já se formaram e conta com 14 professores e dois

assistentes. “No início da pandemia foi supercomplicado. Tivemos que fechar a escola. Em meio a isso tínhamos que buscar novas formas de funcionar. Assim, fizemos adaptação para o modelo de aula on-line”, enfatiza.

Após mais de um ano de pandemia, Daniel destaca que ainda é difícil conciliar os alunos entre o virtual e o presencial. “Cada um segue uma crença. Hoje temos 90% dos estudantes de volta às aulas presenciais. É difícil seguirmos um padrão de forma única. A pandemia ainda está aí”, ressalta.

Porém, apesar dos desafios, Daniel viu sua escola alcançar alunos fora do país. “Conseguimos novos alunos do Chile e dos Estados Unidos. Nossa escola deixou de ser regional e virou mundial. Com a internet podemos competir com qualquer instituição do mundo”, finaliza.

Poder público

Em João Monlevade, a prefeitura, por meio da Fundação Casa de Cultura e secretária de Cultura, criou um projeto de consultoria para artistas, coletivos e espaços culturais. A ideia é ajudar na elaboração

de projetos, estruturação dos trabalhos e regularização das associações para inscrição em editais de fomento e outras formas de financiamento.

“Compreendemos que é importante ajudar nossos agentes culturais a se adaptarem à nova realidade. Há centenas de editais públicos e privados acontecendo em todo o país. Acreditamos que os editais são a forma mais justa e transparente de promover os artistas locais. Nós pretendemos fazer um plantão de atendimento para ajudar os proponentes a se inscreverem, para que o pro-

cesso seja o mais inclusivo possível”, avalia Nadja Lírio.

Sobre a criação de um plano de ajuda e incentivo na retomada dos artistas pós-pandemia, a gerente da Fundação Casa de Cultura ressalta ter um caminho. “Mas, essa construção será feita em conjunto com a classe artística. Estamos preparando o primeiro Fórum de Políticas Públicas Culturais, em que a comunidade será convidada a pensar nos caminhos e estratégias para lidar com esses e outros desafios da cultura monlevadense”, afirma.

Barão de Cocais

O secretário Adjunto de Cultura e Turismo, Lucas Feitosa da Silva, destacou que a Prefeitura de Barão de Cocais manteve a realização de tradicionais eventos da cidade em formato on-line, assim como executou a Lei Aldir Blanc no município.

“Ainda no ano de 2020, desenvolvemos a Festa dos Pés de Pombo, com edição on-line. Todo o evento contou com apresentações de artistas locais, beneficiando aproximadamente 50 profissionais. Além disso, a Lei Aldir Blanc beneficiou 40 artistas locais de várias áreas através de três editais: Bolsa Auxílio ao Processo Criativo, Bolsa Auxílio ao Processo Audiovisual e Credenciamento de Artistas para a apresentação da ‘Live Especial Aldir Blanc - Barão de Cocais’”, enfatiza Lucas da Silva.

O secretário adjunto, porém, afirma que ainda não há um plano de incentivo à retomada do setor cultural, mas destaca que a contratação de artistas seguirá como uma política pública.

Santa Bárbara

A Prefeitura de Santa Bárbara também recorreu a editais para apoiar a classe artística durante a pandemia. Em julho de 2020, o Executivo Municipal deu início ao cadastramento de artistas e espaços culturais para serem beneficiados com recursos da Lei de Aldir Blanc, disponibilizado aos municípios brasileiros pelo Governo Federal.

Durante a pandemia, a Prefeitura de Santa Bárbara também entregou a sede oficial do Congado local. O espaço, conforme destacou a assessoria de comunicação do Executivo, “representa um sonho realizado para os congadeiros, que há mais de 30 anos aguardavam por esse momento. A sede honra Nossa Senhora do Rosário e tem como finalidade incentivar e manter viva a tradição que, por aqui, atravessa gerações”.



Vida às avessas: empreendedores de eventos são forçados a se reinventarem

Trio de sucesso, DJ Miro, Cristiano Cunha e Thiago Garcia contam os desafios do setor mais atingido pela pandemia

Foto: Arquivo pessoal

O setor de eventos foi o mais impactado pela pandemia do coronavírus. Já são quase 15 meses desde que a Covid-19 desembarcou na região e virou do avesso a vida de quem garantia o ganha-pão nas festas, baladas, shows e outras produções audiovisuais. De lá para cá, a pandemia congelou as expectativas de retorno de quem depende financeiramente das aglomerações.

De acordo com a Associação Brasileira dos Promotores de Eventos (Abrape), o setor abrange 52 ramos de negócios no país, em aproximadamente 640 mil empresas e 2,2 milhões de microempreendedores individuais (MEIs), como, por exemplo, donos de barraquinhas de comida, eletricitistas, técnico de som e luz, entre outros.

O hub envolve um universo de profissionais que atua, sobretudo, nos bastidores. É o caso, em Itabira, de Cristiano Cunha, Wenderson Vieira e Thiago Garcia, três entre os mais conhecidos profissionais que movimentam a cena da economia criativa na região.

Cristiano é dono da TopSom, empreendimento que além do que anuncia seu nome tem no portfólio a estrutura e a iluminação cênica. O empreendedor viu zerar, ainda no começo da pandemia, um rendimento mensal que chegava a R\$ 12 mil. E foi preciso dispensar os dois colaboradores fixos do negócio com a proibição dos eventos.

“O que ficaram foram dívidas e a gente ter que se virar para arcar e cumprir com os compromissos”, narra, ao lembrar dos investimentos feitos em infraestrutura pouco tempo antes do coronavírus se disseminar pelo país. “Em quase 15 meses de pandemia são pelo menos R\$ 150 mil que deixamos [empresa] de faturar”, cita.

O soco também foi forte em Wenderson Vieira, o DJ Miro, que consolidou seu sucesso local em 15 anos de carreira. “A vida financeira da minha família foi diretamente atingida. Era escola particular para três crianças, cursos extras, alimentação que só encareceu... foi um baque! Trabalhamos e recebemos por demanda e, de repente, tudo parou. O prejuízo é difícil



DJ Miro, Thiago Garcia e Cristiano Cunha agora trabalham com transporte de mercadorias e frete

de estimar, mas perdi, pelo menos, R\$ 10 mil mensais de faturamento com os eventos”, lamenta.

Para Thiago Garcia, DJ e técnico de som e luz, havia a esperança de que a pandemia fosse superada em poucos meses. “No primeiro e no segundo mês pensamos que pudesse passar rápido, que tudo talvez voltasse ao normal. Isso não aconteceu. De início, eu esperei acreditando na superação do coronavírus. Mas, só uma coisa ficou clara: para a gente sobreviver, teríamos que nos reinventar”.

Incertezas

Números levantados pela Abrape indicam que desde o início da pandemia 335.435 empregos formais, composto por operadores turísticos e agências de viagem, aluguel e montagem de estruturas para eventos, hospedagem, segurança privada e serviços gerais e de limpeza foram extintos só no setor de eventos. O

número passa de 450 mil se entrarem no cálculo os trabalhadores indiretos.

A estratégia de massificar os eventos on-line, que marcou o ano passado, não foi suficiente. A realização rotineira de lives musicais perdeu força com passar do tempo. “Nada chegou perto do porte que atuávamos antes da pandemia”, lembra Cristiano.

Garcia redesenhou sua atuação para o formato drive-in, em palestras e pequenos eventos empresariais. “Eu tive a oportunidade de fazer muitos serviços empresariais, por exemplo, o que me ajudou muito. Empresas que realizavam reuniões dentro de carros ou ônibus. Montei a estrutura de som em diversas áreas empresariais em Mariana, em Ouro Preto, em Itabira”.

União

Com o desafio de reposicionamento do negócio e do sustento das famílias, a saída foi evadir para outras

áreas. Cristiano, Wenderson e Thiago se reencontraram no mesmo mercado, o de frete e de transporte de cargas, hoje a principal atuação dos três expoentes dos eventos.

Sem a receita da carreira que prosperava até a chegada da pandemia, os três usaram do que tinham: os veículos que auxiliavam o transporte de equipamentos e estruturas. “Eu tinha um caminhão, que transporto os equipamentos, e pensei em utilizá-lo, sem recorrer a outras áreas até pela necessidade de investimentos que eu não poderia fazer no momento. Aproveitei o caminhão e comecei a trabalhar com transportes e frete”, conta DJ Miro.

Cristiano Cunha também deu novo uso à caminhonete particular. “É de onde vem meu sustento atualmente. Ainda há algumas mensalidades de contratos da TopSom, mas pequenas. O que era minha principal fonte de renda representa 10%, no máximo, da minha renda atual”, estima.

Thiago Garcia, que também ingressou no fretamento, agregou outros bicos, como de motorista. “Eu venho matando um leão por dia. Tenho um amigo que é dono de uma locadora de carros; às vezes presto serviços de motorista para ele, buscando veículos”.

A vida vai voltar ao normal?

O ano de 2021 parecia o caminho para a retomada gradual, mas um revés acertou em cheio o setor com a piora nos indicadores da pandemia. Os números mais críticos afrouxaram nas últimas semanas, mas longe de dar ao país e à região o mesmo horizonte de nações que já se arriscaram a eliminar a máscara como item obrigatório.

“Parte dos clientes, claro, desistiu dos eventos. No entanto, a maioria dos contratos

que celebrei foi congelada à espera de um momento seguro para serem realizados. Quando voltar eu acredito que será com força total”, afirma DJ Miro, esperançoso.

Cristiano não é tão otimista. “A única solução é, abaixo de Deus, a vacina. Dificilmente voltará com a mesma força logo ao fim da pandemia”. O que é consenso entre eles é que o poder público poderia ser mais atuante no socorro aos profissionais que atuam com eventos. “O poder público pode fazer e pode fazer muito para auxiliar o setor de eventos. Sem dinheiro você não consegue se mexer. Para você ganhar dinheiro, você precisa ter dinheiro”, crava Cristiano.

Buffet remodela atuação e penetra mercado do delivery

Foto: Arquivo pessoal

Se há um setor que cresceu em 2020, é o de delivery. A modalidade que deve permanecer forte por um longo período foi uma das alternativas para ajudar a manter serviços como o de buffet. Luciane e Diego Perdigão, da empresa itabirana D’Lu Buffet, contam que reviram o modelo do próprio negócio para se adequarem ao novo normal, hoje com pratos especiais para atender a clientela em casa.

“A nossa mudança foi drástica. Trabalhávamos mais fortemente com eventos quando as aglomerações eram normais, e agora redirecionamos para o delivery de produtos. Aos poucos, a gente vem vencendo nossas adversidades, com muito jogo de cintura e criatividade”, destaca Diego.



Pandemia também pós à prova o segmento de buffet

CADA
MULHER TEM
SEU JEITO
DE SER

mãe

TODOS OS FILHOS
TÊM O MESMO
PARA DIZER:

#ObrigadoMãe
#DiaDasMãesUnimed

Agradeça esse amor
com um plano Unimed

ANS- 33551-7

Entre em contato
com os nossos
consultores:

3839-7721



Ajuda financeira: município de Mariana paga até R\$ 1.200 por mês a artistas da cidade

Apoio se tornou possível devido à aprovação, em março deste ano, do auxílio emergencial que vai beneficiar a classe no município

Foto: Divulgação / Prefeitura de Mariana



Vista parcial da cidade de Mariana

Em meio às incertezas e aos problemas causados pela pandemia da Covid-19, artistas e profissionais do meio artístico da cidade de Mariana receberam um motivo para comemorar. O suspiro de alívio se deu com a aprovação, em março deste ano, do auxílio emergencial que vai beneficiar a classe no município.

O socorro, que foi definido na Lei 3.399 sancionada no dia de 16 de março pelo prefeito da cidade, Juliano Duarte (Cidadania), recebeu o nome de “Manuel da Costa Ataíde”. Mestre Ataíde foi um dos mais importantes artistas do barroco mineiro, nascido no município no século XVIII.

A Prefeitura de Mariana realizou estudos de casos de profissionais dos segmentos turísticos e culturais, que atuam na cidade, e tiveram suas atividades interrompidas, suspensas ou impossibilitadas em decorrência da pandemia do novo coronavírus. Essa foi a base para elaborar o auxílio financeiro emergen-

cial que contemplará pessoas físicas com parcelas de R\$1000 e pessoas jurídicas com quantias de R\$1.200.

O Auxílio

A Lei Municipal Manoel da Costa Ataíde foi concebida para apoiar financeiramente a profissionais autônomos; micro-empresendedores individuais; espaços culturais, artísticos e turísticos; e pessoas físicas como artesãos, músicos, artistas da literatura, cultura popular, artes cênicas, audiovisual, fotografia e artes plásticas.

De acordo com o chefe do Departamento de Turismo de Mariana, Marcos Eduardo Batista, para a elaboração da lei foi investido um valor de R\$900 mil. “Para se candidatarem ao auxílio, os proponentes necessitam comprovar residência em Mariana; estar regularmente em dia com suas documentações e obrigações civis; e comprovar que atuaram na cidade durante os anos de 2018 e 2019. Além disso, é preciso apresentar de exercer, em caráter permanen-

te e devidamente regularizado, atividades que tenham a ver com o setor, fazendo delas sua principal fonte de renda”.

Contemplados

Com pouco mais de dois meses de aprovação e vigência, a lei municipal já contemplou 90 profissionais dos setores de cultura e turismo na cidade. Para concessão do auxílio financeiro, os beneficiários assumem o compromisso de apresentarem uma proposta de contrapartida, que deve ser executada em conformidade com as medidas vigentes de enfrentamento à Covid-19.

“O proponente recebe o benefício e apresenta como proposta de contrapartida a entrega mensal de um produto turístico-cultural, de acordo com seu segmento de atuação. Estes produtos podem variar entre produtos físicos e virtuais, permeando entre vídeos de ações formativas a vídeos performances. Os produtos artísticos virtuais serão lançados no site oficial da Prefeitura Mu-

nicipal de Mariana e os produtos artísticos físicos, ou seja, as peças artísticas, serão doadas para os acervos das instituições de assistência social do município”, explicou Carlos Eduardo.

O Executivo informou que, embora o amparo esteja definido inicialmente por três meses, a concessão pode ser prorrogada caso seja avaliada a necessidade. O município estima que entre 350 a 400 artistas e entidades deverão se inscrever.

Arte e Cultura em Mariana

A criação da lei municipal que visa reconhecer, valorizar e financiar o artista local, tem papel de grande importância ao município. Conhecida, essencialmente pelo turismo religioso, Mariana guarda em suas igrejas os primorosos trabalhos da arte colonial e do barroco mineira. Além disso, figuram nessa lista as estruturas arquitetônicas dos casarões, ruas e sobrados. Para completar, graças ao artesanato, às tradições, às belezas naturais, Mariana ocupa, hoje o ranking das cidades mais artísticas do

Brasil, segundo a agência de viagens on-line, Expedia Brasil.

Mestre Ataíde

Mestre Ataíde (1762-1830) foi um pintor marianense da época colonial e um dos mais importantes artistas do barroco mineiro. Filho do capitão português Luís da Costa Ataíde e de Maria Barbosa de Abreu, pouco se sabe da sua formação artística. Mas, conforme os pintores da época, ele seguia os cânones da igreja católica baseado nas gravuras dos livros sagrados e catecismos europeus. Sua obra possui também características do pintor francês Jean-Louis Demarne e do italiano Francesco Bartolozzi.

Os trabalhos de mestre Ataíde estão espalhadas por diversas cidades mineiras. As primeiras obras do artista datam de 1781, quando encarna e doura diversas estátuas do mestre Aleijadinho, de quem foi grande colaborador na concepção do Santuário de Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas do Campo.

Produtores culturais buscam por fôlego novo para seguir enfrentando a pandemia

Profissionais do setor contam como a Covid-19 virou o principal obstáculo para a organização de eventos e contratação de artistas

Foto: Bruno Andrade/DeFato

A suspensão de shows e eventos culturais fez parte das primeiras ações de contenção da Covid-19, no início de 2020. Com isso, produtores culturais e outros profissionais diretamente ligados ao setor, precisaram se reinventar e se adaptar a uma realidade que, muito rápido, atingiu as áreas de produção.

Ao longo da pandemia, houve momentos de flexibilização, como a realização de eventos em formato drive-in e a volta das apresentações musicais ao vivo em bares. Isso foi um respiro. Porém, o setor ainda busca por fôlego novo para combater os prejuízos da paralisação.

A cantora, produtora cultural e museóloga, Paula Árvores, sentiu de perto os impactos causados pelo vírus ao setor. Ela conta que, atualmente, além de buscar parcerias com empresas privadas, acompanha editais de fomento ao trabalho de produção cultural e geração de oportunidades para artistas.

Entretanto, Paula diz que tais medidas ainda não são suficientes para a retomada integral do trabalho. “Eu sou autônoma. Faço parte da equipe da Produtora Cultural Asante, grupo independente

de Itabira, e tenho feito diferentes contatos: poder público local e estadual e iniciativa privada. A ideia é avançar com projetos culturais para cidade de Itabira e região”, disse.

Larissa Assis, outra produtora cultural, explica que infelizmente as adaptações do setor não estão ao alcance de todos. “O mercado artístico virtual traz um retorno financeiro menor, demanda conhecimento e uma quantidade mínima de equipamentos, como um celular com uma boa câmera. E a realidade de muitos artistas é outra. Por isso, o apoio do poder público ao setor cultural neste momento é tão importante”.

E Larissa, acredita que essa não é uma situação temporária. Ainda assim, a produtora cultural acha que há mais caminhos possíveis de serem percorridos. “Provavelmente, voltamos ao ‘normal’ somente em meados de 2022. Por isso, precisamos pensar em estratégias como investimento e incentivo para que o setor cultural tenha estrutura para se manter até lá”.



Mineradoras apoiam o desenvolvimento da cultura nas cidades em que atuam

O segmento cultural é um dos mais afetados pela pandemia de Covid-19. Nas cidades mineradoras, algumas iniciativas do setor têm recebido apoio das empresas mineradoras. Anglo American, ArcelorMittal e Vale tem financiado

atividades artísticas que se adaptem à nova realidade das cidades em que atuam.

Em 2020, o Instituto Cultural Vale destinou recursos da Lei Federal de Incentivo à Cultura para 36 projetos culturais em Minas Gerais e que serão

executados ao longo de 2021. As propostas foram selecionadas pela primeira edição do edital Chamada Vale de Patrocínios Culturais ou por escolha direta. Ao todo, a empresa investirá R\$47 milhões nas áreas de patrimônio, música, festivi-

dades, circulação de eventos, museus e centros culturais.

Em Itabira, cidade-berço da Vale, serão desenvolvidos os projetos Sempre um Papo, que já realizou duas edições virtuais em 2021, com Zuenir Ventura e padre Fábio de Melo, e o Flitabira – Festival Literário de Itabira, que acontecerá em outubro – duas iniciativas do jornalista Afonso Borges. A Vale também patrocinará na cidade o Música & Poesia nos Caminhos da Estrada Real, um sarau de música e poesia, com participação do compositor e músico Toninho Horta e do poeta mineiro Petrônio Souza Gonçalves; entre outros.

Além disso, em 2020, a mineradora foi a única patrocinadora do 46º Festival de Inverno de Itabira, realizado em 2020 pela Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade (FCC-DA) em caráter on-line devido a pandemia de Covid-19.

Desde 2020, a ArcelorMittal destinou mais de R\$ 15 milhões para a cultura nas cidades em que atua, incluín-

do João Monlevade, onde a empresa tem promovido iniciativas culturais voltadas para formação de público e formação de artistas.

Entre elas destacam-se o Diversão em Cena, que oferece uma programação de teatro infantil regular, e o Acordes, que há 10 anos promove a educação musical em instrumentos eruditos como flauta, violino e violoncelo para alunos da escola EMIP. Em função da pandemia, as iniciativas foram adaptadas para o ambiente virtual.

A empresa também patrocina o Projeto Moradores, que resultou em uma série audiovisual com histórias de moradores de João Monlevade. A ação foi em celebração aos 85 anos da ArcelorMittal no município.

Em Conceição do Mato Dentro, a Anglo American voltou suas atenções para a gastronomia. A empresa destinou R\$ 1 milhão para apoiar 54 queijeiros que produzem o tradicional queijo do Serro – cada um deles recebeu até R\$ 20 mil para apoiar as suas atividades.

Foto: Gustavo Linhares



O Festival de Inverno de Itabira, em 2020, aconteceu on-line e foi patrocinado pela Vale

Do presencial para o virtual: como aconteceram as grandes festividades mineiras

Festivais gastronômicos, culturais e festas religiosas, principais responsáveis pela geração de renda, precisaram ser cancelados ou reinventados

Foto: Arquivo DeFato

Há pouco mais de um ano, o coronavírus chegava ao Brasil e mudava drasticamente a rotina dos brasileiros. Alguns hábitos precisaram ser abortados para que o estrago pandêmico não fosse maior. E um dos setores mais impactados por esta nova realidade foi o de eventos.

Aglomerações, encontros em espaços fechados, abraços e outros atos comuns a atividades turísticas e de lazer tiveram de ser coibidos no período. E quem mais sofre com isso são as cidades que dependem deste setor para fazerem a roda da economia

girar. Conceição do Mato Dentro, Ouro Preto e Catas Altas, todas em Minas Gerais, são um exemplo deste baque.

Ouro Preto

Tradicionalíssimo no estado, o Festival de Inverno de Ouro Preto foi realizado de maneira on-line em 2020. Essa é a primeira vez que a programação não contará com a interação direta entre público e atrações, desde 1967, ano em que foi fundado..

Na ocasião, a pró-reitora de Extensão a Universidade de Federal e Ouro Preto



Bencção dada durante a Cavalcada do Jubileu, em Conceição do Mato Dentro, em 2019

fideitabira.com.br

Ponte

Prepare-se para o futuro

DE FORMA LÚDICA, GRADATIVA E DIDÁTICA!

Na Fide, seu filho pode aprender Ciência da Computação a partir do 2º Período, desenvolvendo o raciocínio lógico através da programação visual e de atividades lúdicas. Aprende as principais linguagens de programação profissionais usadas no desenvolvimento de aplicativos, web e de sistemas, como Python, Java Script, CSS, HTML, etc. Habilidades muito valorizadas em todos os campos do mercado de trabalho e da vida cotidiana.

Av. Carlos Drummond de Andrade, 549, Centro - Itabira/MG

(31) 3067-6767 [f](#) [i](#) /fideitabira

(UFOP), Gabriela de Lima Gomes chegou a dizer que não havia condições de promover um festival. “O evento tem como princípio a reunião e a troca de saberes. Para nós é muito duro, mas serve também como uma nova possibilidade de experiência”.

Outra tradicional atração ouro-pretana é a Festa do 12, realizada anualmente no mês de outubro pelas repúblicas universitárias da cidade. Essa, no entanto, foi realizada normalmente, já que Ouro Preto estava na fase onda verde do programa Minas Consciente. Com isso, hotéis e pousadas do município funcionaram normalmente e receberam vários turistas, aquecendo a economia municipal.

O Jornal DeFato Cidades Mineradoras procurou a Pre-

feitura de Ouro Preto para falar sobre a readaptação de eventos presenciais e os prejuízos causados pela sua realização apenas em ambiente virtual de alguns deles, mas não obteve retorno.

Catas Altas

Prevista para ser realizada entre 15 e 17 de maio do ano passado, a 20ª edição da Festa do Vinho de Catas Altas precisou ser adiada por conta da pandemia do novo coronavírus. Segundo a Prefeitura local, o adiamento seguiu o decreto nº 43/2020, que cancelou todos os eventos no município por tempo indeterminado.

O evento, que completou 20 anos em 2019, é considerado o mais importante da cidade. Ele é realizado em

parceria com a Associação dos Produtores de Vinho, Agricultores Familiares e Outros Produtos Artesanais do município (Aprovart).

Cancelada no ano passado, a 20ª edição foi realizada em maio deste ano, de maneira on-line. Vale lembrar que o fato do evento ter acontecido, impactou diretamente na economia de Catas Altas, já que o turismo ocupa 40% da população do município.

Conceição do Mato Dentro

Outra cidade que viveu pela primeira vez a experiência de eventos on-line foi Conceição do Mato Dentro. O Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, celebração católica que arrasta cristãos do país inteiro para o município, optou por pedir que os fi-

éis permanecessem em casa.

Para isso, o Santuário preparou uma programação exclusiva para Facebook, Instagram e Youtube. Além disso, também houve transmissão pela Rádio Bom Jesus, 98,7 FM. Assim, em junho de 2020, o novo formato do Jubileu foi realizado sem a presença dos romeiros; sem a confissão presencial; e com a realização de missas apenas de portas fechadas.

À época, o reitor do Santuário, padre João Evangelista dos Santos, disse que o momento era muito difícil, principalmente por ter que abdicar da imagem, clima e espiritualidade trazida pela presença do povo. Ele disse que o Jubileu se baseia em três coisas: atendimento das confissões, a celebração da eucaristia e uma procissão.

Naquele ano, apenas a segunda atribuição foi realizada.

Na mesma linha, o Jubileu de São Miguel e Almas foi cancelado em 2020, responsável por movimentar o pequeno lugarejo de Cemitério do Peixe. A Prefeitura de Conceição chegou a informar que se solidarizava com os fiéis e romeiros do Jubileu, sobretudo com a Arquidiocese de Diamantina, responsável por essa celebração de grande importância religiosa da região.

A atração é tão importante que, em 2017, o tombamento do vilarejo e o registro do Jubileu começaram a ser discutidos pelo prefeito Zé Fernando e o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural e Histórico de CMD.



NOVO CENTRO DE ATENDIMENTO PARA ENFRENTAMENTO À COVID-19

Foto do local

Foto do local

Este novo espaço de acolhimento e atendimento aos cidadãos conceicionenses é uma ação importante da Prefeitura de Conceição do Mato Dentro com o apoio da Anglo American. O Centro de atendimento vai atender pacientes com sintomas do coronavírus e também será usado para coleta de exame RT-PCR.

Neste local serão atendidos pacientes encaminhados da UPA Dr. Juvêncio Guimarães, das UBSs, quando for excedida sua capacidade de atendimento, e, também por demanda espontânea da sede e dos distritos. Nesse caso, cada Unidade fará contato com o Centro de Atendimento para encaminhar os pacientes.

O Centro funciona de segunda-feira a sábado, das 7h às 19h, no antigo CVT, Av. JK, 680, Centro.

SAÚDE PÚBLICA É A PRIORIDADE DESSA ADMINISTRAÇÃO.



Conceição DO MATO DENTRO
PREFEITURA MUNICIPAL • 2021-2024
JUNTOS POR UM NOVO TEMPO



BOMBOU NA WEB

www.defatoonline.com.br

Foto: Lucas Nishimoto



Festa do Vinho

Em 2020, a Festa do Vinho de Catas Altas, um dos eventos tradicionais do Médio Piracicaba, completaria duas décadas de cultura e gastronomia – porém, devido a pandemia de Covid-19, precisou ser cancelada.

Agora, como forma de preservar a história e memória dessa manifestação, a Associação dos Produtores de Vinho, Agricultores Familiares e Outros Produtos Artesanais (Aprovart) anunciou a retomada do evento, que teve a sua 20ª edição realizada de maneira on-line entre os dias 14 e 16 de maio.

Retomada econômica

No dia 11 de maio, a vereadora Dayse Picão (MDB) apresentou um requerimento solicitando à Prefeitura a criação do Programa Municipal de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte e Micro Empreendedor Individual.

“A importância desse programa é fazer com que os empreendedores mantenham suas atividades, pois o comércio teve suas portas fechadas devido às medidas de combate e de prevenção à Covid-19. O programa seria, então, uma forma de ir aos poucos reacendendo a economia e minimizando a fome e o desemprego”, disse ela.

Foto: Divulgação /Ascom Prefeitura de Conceição do Mato Dentro



NOTÍCIAS DA MINERAÇÃO

Foto: Gustavo Linhares / DeFato



Comissão da Mineração

O vereador itabirano Bernardo Rosa (Avante) propôs a criação de uma comissão de meio ambiente e mineração. A iniciativa visa intensificar os debates sobre o futuro da cidade após a exaustão das minas operadas pela Vale.

“Com a criação da comissão poderemos tratar com mais profundidade o tema relacionado à mineração e o fim da atividade, além de ajudar a minimizar os impactos social e financeiro ocasionados pelo fim da mineração”, afirmou.

Queijeiros do Serro

Os produtores de queijo da tradicional região do Serro, em Minas Gerais, começaram a receber o apoio de R\$ 1 milhão da Anglo American para o período da pandemia.

Ao todo, 54 queijeiros foram selecionados e cada um recebeu até R\$ 20 mil para arcar com despesas operacionais, como: alimentação animal, salários e transporte de funcionários, custos com o registro do produto, marketing e melhorias na produção.

Foto: Divulgação/Anglo American

